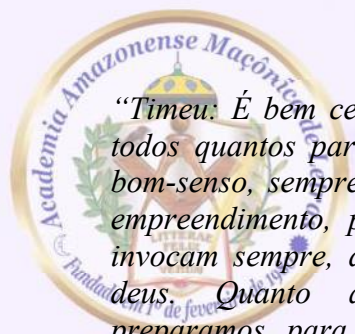


SINOPSE DA HISTÓRIA DA QUÍMICA

IV - A PRESENÇA DOS DEUSES NA ALQUIMIA

Sérgio Roberto Bulcão BRINGEL
Academia Amazonense Maçônica de Letras
AAML – Cad. 19



“Timeu: É bem certo, o Sócrates, que todos quantos partilhem o mínimo de bom-senso, sempre que iniciam algum empreendimento, pequeno ou grande, invocam sempre, de algum modo, um deus. Quanto a nós, que nos preparamos para produzir discursos sobre o universo – sobre como deveio ou se de facto nem o toca o devir –, caso não tenhamos perdido por completo o discernimento, é inevitável que invoquemos deuses e deusas, bem como roguemos que tudo o que dissermos seja conforme ao seu intelecto e esteja em concordância com o nosso. E no que respeita aos deuses, seja esta a nossa invocação.

(PLATÃO)

Introdução

Em seu trabalho sobre Mitologia Grega, Brandão (1987) também considera que a origem etimológica da palavra alquimia tem suas raízes provenientes da palavra grega *khyméia*, que tem como significado uma mistura de diferentes substâncias líquidas, e da palavra árabe *kímya*, que na língua portuguesa podemos entender como *pedra filosofal*.

Devemos ter, também, uma certa ponderação para quando estivermos discutindo Alquimia, isto para evitarmos que aconteça de querermos raciocinar como se Alquimia fosse uma pseudociência, complexa e inescrutável, quase impenetrável, onde os segredos devem estar muito bem escondidos, e se torne impossível de desvendá-los, e que somente aos ocultistas e iniciados possuem tais conhecimentos.

Desde a existência da alquimia, milhares de gerações já se passaram, grandes, poderosos e seculares impérios encontraram sua decadência. A alquimia também viu passar os dogmas que eram certíssimos em entender o mundo da natureza que nos cerca, e a fixação do homem neste mundo sob o ponto de vista simbólico.

Ao considerarmos a Alquimia como uma maneira do pensamento e da ação do *logos* e *techné*, estes lançam os embasamentos dos diversos conhecimentos que irão constituir os fundamentos da Física, Química, Astrologia, Medicina, Arte, Filosofia, Religião, Magia etc. Na travessia desses caminhos tortuosos, a Alquimia passa por transformações que foram influenciadas por esses novos fundamentos. Ao incorporar esses conhecimentos, dependendo da localidade onde se pratique, a Alquimia passa a apresentar nomes diversos, porém mantendo sua base milenar nos ensinamentos de Osiris e Toth no Egito, de Hermes na Grécia e de Hermes Trismegisto na Idade Média, sem, contudo, perder sua essência, e manter a iniciativa em volta desse conhecimento fundamental e milenar.

Alquimias como a egípcia, grega e persa, apresentavam conteúdos místicos, míticos, religiosos e mágicos, que eram caracterizados pelas permutas dos conhecimentos que ocorriam entre esses povos nos diferentes momentos da história. A prática desses conhecimentos eram realizadas em cada civilização por grupo de pessoas, ou individualmente, sendo que o objetivo dessa prática era a transmutação de substâncias em ouro e a obtenção do elixir da longa vida.

A Importância dos Deuses no Cotidiano

O cansaço físico, mesmo que suportado forçosamente, não prejudica o corpo, enquanto o conhecimento imposto à força não pode permanecer na alma por muito tempo.

Platão

Os fenômenos naturais que eram observados pelos homens nos tempos dos nossos ancestrais sempre causavam inúmeros questionamentos, e as explicações para tais acontecimentos era observar os céus e procurar um esclarecimento para que pudessem entendê-los. Como não existia um esclarecimento ou uma explicação para os eventos que ocorriam nos céus, passavam a acreditar que tais acontecimentos desempenhavam um papel insignificante no cotidiano de suas próprias vidas. Sem conhecimento para entender as transformações que ocorriam na natureza, a única alternativa era passar a acreditar que, para esses fenômenos, a justificativa seria a existência de um poder criador de todas as coisas no universo.

Osíris foi um dos deuses mais populares do Antigo Egito, cujo culto remontava às épocas remotas da história egípcia, e que continuou até a era Greco-Romana, quando o Egito perdeu a sua independência política. Marido de Ísis e pai de Hórus, era ele quem julgava os mortos na "Sala das Duas Verdades", onde se procedia à

pesagem do coração, ou psicostasia.

No antigo Egito, Osíris foi sem dúvida o deus mais conhecido, e essa assertiva reflete no grande número de templos que foram construídos e dedicados a ele por todo o Egito. Porém, teve um começo muito semelhante com os de qualquer divindade local, e foi também o único deus que julgava a alma dos egípcios decidindo se eles iam para o paraíso, ou seja, um lugar onde só existia a fartura.

Para os seus primeiros adoradores, Osíris era apenas a encarnação das forças da terra e das plantas. À medida que o seu culto se foi difundindo por todo o território do Antigo Egito, enriqueceu-se com os atributos das divindades que suplantava, até que, por fim, substituiu a religião solar. Por outro lado, a mitologia construiu toda uma lenda em torno de Osíris, que foi recolhida fielmente por alguns escritores gregos, como Plutarco.

Os relatos desse deus, que chegaram até nós identificam o deus Osiris como um ser bondoso, que sofreu uma morte cruel, e que, por causa dessa crueldade sofrida, passou a assegurar a vida e a felicidade eterna a todos os seus protegidos. Por isso, foi considerado como uma divindade que encarna a terra egípcia e a sua vegetação, que são destruídas pelo sol e a seca, porém sempre ressurgem, pelas maravilhosas águas do Nilo.

Os egípcios, que adotavam o Politeísmo, ou seja, o culto de vários deuses, encontravam no Livro dos Mortos uma relação das adversidades com as quais se deparariam ao chegar no mundo espiritual, e nele poderiam também descobrir os vários recursos necessários para triunfar sobre estes obstáculos. Este conflito era muitas vezes encenado no próprio instante do enterro, onde era realizada uma reprodução da luta entre o bem e o mal, quando era dado ênfase na importância do processo descrito no Livro dos Mortos.

A princípio, o Livro dos Mortos era um conjunto de textos colocado também junto aos sarcófagos. Geralmente eram também adicionados os fragmentos do papiro, de modo a favorecer o falecido no além-vida. Contudo, era muito comum que os faraós acumulassem em seus túmulos os escritos desses documentos, tanto nas paredes do sarcófago quanto na própria pirâmide.

O Tribunal de Osíris era o lugar onde o deus *Osíris*, com o auxílio de outras divindades, dava o veredicto sobre o destino dos mortos. Nele, as almas chegavam e argumentavam sobre a sua vida, dizendo se tinham vivido de maneira virtuosa ou não. Anúbis, que conduzia as almas até o tribunal, pesava o coração delas na balança da deusa Maat. Em uma bandeja ficava o coração e na outra era posta uma pena de avestruz. Se as palavras da alma fossem verdadeiras, o coração e a pena ficariam em equilíbrio e ela seria considerada pura. Caso o coração ficasse mais pesado, Ammut, um demônio com cabeça de crocodilo, metade do corpo de leão e outra metade de hipopótamo, destruiria a alma como retribuição pelos pecados.

Os deuses eram os responsáveis por controlar todos os fenômenos naturais. No antigo Egito, tínhamos o deus Osiris, que foi considerado um dos deuses mais populares, sucedido pelo deus Toth, que passa a ter o poder supremo.

Hórus era filho de Osíris e de Isis, e era considerado como o deus da luz e dos céus. Hórus era o senhor das duas terras: o sol, que era seu olho direito, e a lua, o seu olho esquerdo. Hórus servia de mediador entre os mortos e Osíris, guiando as almas recém falecidas até o mundo dos mortos. Hórus venceu seu irmão Seth, o senhor do caos e da escuridão, pela sucessão ao trono do Egito. Toth, que era o mensageiro de Hórus e leitor de sua vontade nos processos divinatórios, era o general e o regente do Egito antigo, ou seja, divindade miticamente encarnada como faraó.

Toth, o deus inventor da escrita, fazia um relatório final sobre a pesagem que seria entregue a Osíris caso Ammut fosse favorável ao morto. Osíris confirmava o relatório e permitia a entrada da alma em seu reino, onde ela desempenharia a mesma função que tinha na terra em uma vida agradável.

Toth era a figura máxima dentro das classes sacerdotais egípcias, e recebia o título de mensageiro e intérprete dos deuses. Dessa forma, Toth é conhecedor dos códigos e mensagens e de como transportar seus segredos e verdades por entre Deuses e humanos. Os gregos adeptos o chamavam de “três vezes altíssimo”, porque era o Rei, o Juiz e o Sacerdote. Ele representava a era em que o governo era

exercido pelo Faraó, detentor de todo o saber e poder. Toth era considerado o deus da sabedoria, da música e da magia.

As doutrinas esotéricas dos egípcios serviram de lastro cultural para o surgimento de futuras religiões, para o estabelecimento da ciência sagrada, das profecias e de escolas de conhecimento, crucial ao desenvolvimento da humanidade. Seus ensinamentos tinham sempre um caráter secreto, e a classe sacerdotal dominava todos os procedimentos e crenças. Em termos de poder, os iniciados nos mistérios se tornavam uma força oculta mantenedora da ordem. Os rituais sagrados aprendidos pelos iniciados eram carregados de mistérios, e a divulgação de qualquer um dos mistérios aprendidos entre os sacerdotes era punida com a morte desonrosa.

Durante a 15ª dinastia egípcia, por volta de 4.000 anos atrás, o antigo Egito foi considerado o centro do mundo. Foi nesse período que surgiram as doutrinas esotéricas de várias religiões. Shoure (1919) destaca que foi criada por Moises, que tinha como princípio o monoteísmo ferrenho, e uma outra, fundada por Orpheu, que adotava como princípio a difusão do politeísmo.

É pela mitologia grega que tomamos conhecimento do deus Hermes, como sendo filho de Zeus e da ninfa Maia, considerada a mais jovem das Plêiades. Na mitologia grega as Plêiades são as filhas do Titã Atlas e da filha de Oceano, Pleione. Oceano era o filho primogênito, ou seja, o mais velho, de Urano (céu) e de Gaia (Terra) e era o deus que mantinha o fluxo do mundo, pois este era circundado pelas águas primordiais. E Hermes é o mensageiro dos deuses, junto com Iris, a deusa do arco-íris que liga o céu e a terra.

Seu nascimento ocorreu em uma caverna localizada no Monte Cilene, localizada no sul da Arcádia, e uma de suas proezas aconteceu ainda quando era um recém-nascido, quando roubou o gado de seu meio-irmão e deus Sol Apolo. Para não ser descoberto pelo seu irmão, amarrou sapatos feitos de casca de árvores nas patas do gado, de modo que as pegadas deixadas no solo ficassem viradas para trás.

Para os gregos, era Hermes que dominava as forças da natureza, porém, devido ao sincretismo que ocorreu no helenismo em uma época passada, surge Hermes Trismegisto, que é o mito, o

somatório dessa fusão que persistiu até tempos mais recentes. Devido a apresentar um simbolismo bastante marcante, motivado pela sua nova visão, passou a ser considerado como um sábio, devido aos seus avançados conhecimentos, que modificaram as características da Alquimia. Assim, Hermes Trismegisto passa por transformações, se mistura a outros alquimistas, passando a ser considerado uma figura mitológica, chegando à divindade por oferecer dadas e sabedoria (Brandão,1987).

Autores como Veyne (1987) e Funari (2002), em suas pesquisas sobre a antiga civilização grega, discutem que a existência de um sincretismo religioso permitia que a *pólis* (modelo das antigas cidades gregas, também chamada de cidade-estado, que era independente, com governo próprio e autônomo), mantinha seus próprios costumes, permitindo a repressão dos governantes, que somente ocorreriam se houvesse uma forte ameaça à ordem em vigor. Seus templos eram construídos próximos dos centros urbanos, com a finalidade de reunir a população que se distinguia como politeísta.

Quanto as crenças nos deuses, Hesíodo (1996) nos leva ao entendimento de que os gregos acreditavam que os deuses se manifestavam através da natureza; que intervinham nas decisões sociais, e que atuavam diretamente na vida dos mortais. Tinham a convicção de que as leis, mesmo aquelas emanadas pelas autoridades, só seriam injustas se fossem contrárias às emanadas dos deuses.

Foi no florescer da grande expansão do império Macedônio, comandada por Alexandre o Grande, no século III a.C., que Hermes, como era conhecido na Grécia, é denominado de *Trismegistus*, ou seja, o três vezes altíssimo, devido a existência de um sincretismo com o cristianismo no século II. Foi adicionado ao seu nome a alcunha de Trismegisto (Trismegistus).

Nessa época, o Egito era conhecido como casa de grande conhecimento acumulado, que com a conquista dos persas e dos védicos foi possível realizar uma conexão com a fundação de Alexandria, no ano de 331 a.C, motivada pela existência de uma inigualável biblioteca e do seu farol, que tinha a finalidade de sinalizar sua localização para toda o mundo onde ficava o centro das

civilizações.

Se realmente existisse algum “cânone” hermético, teríamos sem dúvida alguma como o mais importante de todos a “Tabua Esmeralda”, cujo texto recebe este nome devido ter sido originalmente escrito e esculpido em uma esmeralda, por Hermes Trismegisto. Existe uma celeuma quanto a sua verdadeira origem, porém, sua procedência, remonta ao helenismo, muito embora seus textos tenham ocorrido na era medieval.

A descoberta da Tabua Esmeralda, que tem sua possível datação entre os séculos VI a VIII d.C, apresenta uma série de assertivas consideradas obscuras, porém muito reveladoras e fundamentais para os alquimistas e herméticos. Relatos informam que os códigos e ditames são fechados, e que permitem interpretações diversas, o que leva o alquimista a ser um sujeito particular e com respostas particulares para questões genéricas. Considera ainda que a alquimia é um estado de ser e de agir humanos que buscam as vezes os mesmos objetivos gnosiológicos, utilizando metodologias e experimentações diferentes.

Sobre o texto da Tabua de Esmeralda, Reale & Antisseri (2011) verificaram que existem informações muito importantes para a compreensão da Alquimia; que existem passagens que consideram o Uno como a origem de tudo, e toda a existência acontece na Unidade; que tudo surge do Uno; que em última instancia, volta para o Uno ou para Deus infinito e inalcançável. Segundo “Timeu”, de Platão, encontra-se no imortal “mundo das ideias”.

Informam, ainda, que existe um caráter paradoxal nas assertiva herméticas, onde, no “*Corpus Hermeticum*”, até a própria ideia de Deus tem o caráter ambíguo, que envia de um lado ao incorpóreo, acima de tudo, sem forma e sem figura e, até privado de essência. E *uno e múltiplo*, portanto, carece de uma configuração formal que possa ser expressa. Comentam que de outro lado existem descrições positivas que o revelam como gerador do *Lógos*, filho primogênito do Deus supremo, que é compartilhado pelo *Anthropos*, o homem incorpóreo, e, por fim, o homem como criatura terrena.

SUGESTÃO DE LEITURA

A GENERAL HISTORY OF ALCHEMY

<https://www.amazon.com.br/General-History-Alchemy-J-Mercer/dp/1162903775>

Acesso em 10 de março de 2024

ALQUIMIA: O QUE SIGNIFICA E QUE ENSINAMENTO NOS TRAZ NESTE NOVO ANO.

<https://www.metropoles.com/bela-jornada/alquimia-o-que-significa-e-que-ensinamento-nos-traz-neste-novo-ano>. Acesso em 11 de março de 2024.

ANACLETO, Jose Manuel. (Org.). Actas/Anais I Congresso Lusofono Esoterismo Ocidental, vol. VII. Hermetismo, Pitagorismo e Platonismo como forças motrizes do Renascimento e da Ciência Moderna. ISBN: 979-989-757-048-3, <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7630/Ata%20Hermetismo%2C%20Pitagorismo%20e%20Platonismo.pdf?sequence=1> Acesso:15/03/2024.

ARISTOTELES. *Órganon*: Categorias, Da interpretação, analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2010.

ARISTOTELES. Parva Naturalia. Edipro, São Paulo, 2012.

ARMSTRONG, Karen. Breve história do mito. Tradução, Celso Nogueira. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

As 50 melhores frases de Platão para aprimorar sua inteligência. <https://www.pensador.com/melhores-frases-de-platao-aprimorar-in-teligencia/>. Acesso em 20 de junho de 2024.

ASIMOV, Isaac. Breve historia de la química Introducción a las ideas y conceptos de la química. Alianza Editorial. Madrid, Espanha. 2003. ISBN:84-206-3979-6

<http://www.juansanmartin.net/biblioteca/libros/brevehistoriadelaquimica.pdf> - Acesso em 23.03.2024

ASIMOV, Isaac. Breve História de La Química. preparado por Patrícia Barros.2001.

<http://www.librosmaravillosos.com/brevehistoriaquimica/capitulo08.html>.

Acesso em 29.03.2024.

BÍBLIA SAGRADA, Evangelho de João 1:1.

BLANC, Claudio. O grande livro da mitologia egípcia. Editora Camelot, Teutônia, 2021.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega Vol. II. Petrópolis: Editora Vozes, 1987

CAPRA, Fritjof. O tao da física — Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. SP. Cultrix 1983.

CASSIRER, Ernst. Antropologia Filosófica. São Paulo: Mestre Jou 1977.

FERNANDES, [CECÍLIA \(2021\)](#) Tribunal de Osiris – História do julgamento egípcio no além-vida. <https://www.todamateria.com.br/osiris/> acesso em 08.02.2024

CHAU, M. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CHUN, Wendy H. K. On “sourcery”, or code as fetish. Configurations, 2008.

COUTINHO, M. T.C. E **CUNHA**, S.E. Os caminhos da pesquisa em ciências humanas. B. Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

DAMASIO, Antônio. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de sí. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. ISBN 85-359-0032-2

ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. 1972.

ENCICLOPÉDIA BRITANICA,

<https://www.britannica.com/topic/Encyclopaedia-Britannica-English-language-reference-work>. Acesso em 08 de março de 2024.

FLAMEL, Nicolas *O Livro das Figuras Hieroglíficas*

<https://www.estantevirtual.com.br/livros/nicolas-flamel/o-livro-das-figuras-hieroglificas/493624659>. Acesso em 09 de março de 2024

FUNARI, P. P. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2002.

GLEISER, Marcelo. A dança do Universo: dos mitos de criação ao Big Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ISBN 978-85-359-0848-0

GONCALVES, 2016. In: Actas/Anais I Congresso Lusofono Esoterismo Ocidental, vol VII Hermetismo, Pitagorismo e Platonismo como forças motrizes do Renascimento e da Ciência Moderna. Org. ANACLETO.

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7630/Ata%20Hermetismo%2C%20Pitagorismo%20e%20Platonismo.pdf?sequence=1>> cesso em 15 de março de 2024.

HAWKING, S. Breves respostas para grandes questões. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

HESÍODO. Os trabalhos e os dias. São Paulo: Iluminuras, 1996.

JUNG, Carl Gustav. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e Alquimia. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

LEAO, L. A estética do Labirinto. São Paulo. Editora Anhembi Morumbi: Universidade, 2005.

MAC NULTY, W.K. Freemasonry, Londres, 1991.

MARTINEAU, John (ORG.). Quadrivium. As Artes Liberais Clássicas Aritmética,

Geometria, Música e Cosmologia. Joseph, Irma Miriam. Coleção Educação Clássica. Realizações Editora. São Paulo, Brasil, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. Tradução: Jose Artur Gianotti;

Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MIRANDA, Herminio. C. Alquimia do Universo. Instituto Lachatre. Graganca Paulista, São Paulo. 2014.

“Mitologia: mitos e lendas de todo o mundo”.Caracter Entertainment.2011. ISBN: 978- 989-835650-5.

PARACELTUS. Of the transmutation of metals. 1657.

:<https://archive.org/details/ofchymicaltransm00para> Acesso em: 27de março de 2024

REAS, Casey; McWILLIAMS, Chandler. CODE + FORM. In Design, Art and Architecture. New York: Princeton Architecture Press, 2010.

RIJCKENBORGH. J. Van. A Arquiguinosis Egípcia, 4. Lectorium Rosacrucianum, Sao Paulo. 1991.

ROOB, A. O museu hermético: Alquimia & Misticismo. Koln: TASCHEN, 2006.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e almas à luz das

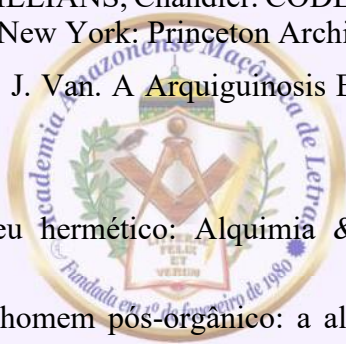
Tecnologias digitais. Rio de Janeiro. Contrapoto.2015.

SHOURE, Edouard. Hermes and Plato. 1919.

<https://archive.org/details/hermesplato00schu> Acesso em: 26 de março de 2024

TRIMEGISTUS, Hermes. CHAMBERS, John David, The theological and philosophical works of Hermes Trismegistus, Christian neoplatonist. 1805-1893, Disponível em: <https://archive.org/details/theologicalphilo00hermrich> Acesso em: 21 de março de 2024.

WorldHistoryEncyclopedia.Alchemy.<https://www.worldhistory.org/Alchemy> Acesso em 13 de março de 2024



VEYNE, P. Acreditavam os gregos em seus mitos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

